

MICROSCÓPIO

RAUL PILLA

Existe ainda um jornal que, no antigo regime, onde a opinião pública tinha força, com uma simples nota derrubava um ministério. Hoje, por ser outro o regime e nada poder nêle a opinião pública, o mesmo jornal passou a servir fielmente os govêrnos, em vez de os derrubar. E' menos belo, mas pode ser mais útil.

E' justamente por exprimirem muitas vêzes o pensamento e os desejos do govêrno, que as suas palavras adquirem excepcional importância. Não é o jornal quem fala, mas o govêrno que atrás dêle se aça.

A esta luz, não pode deixar de apresentar extrema gravidade a nota há oito dias publicada pela aludida fôlha. Depois de agitar o desmoralizado papão do comunismo, manifesta o órgão o seu profundo descontentamento, que é também o do govêrno, pela falência do acôrdo partidário na questão sucessória. Não se enganem, porém, os políticos, com o "raro espírito de tolerância, de compreensão e de transigência" revelado pelo sr. presidente da República. Isto acabará, "se os acontecimentos levarem o país a uma agitação perturbadora da tranquilidade e da segurança do regime"; e "tôda a culpa recairá sôbre a incapacidade dos políticos que não entenderam e não se entenderam. E' preciso que desde já se fixem as responsabilidades, para o julgamento futuro".

Podará haver nada mais claro? Porque existem comunistas no Brasil, como os há em todos os países do mundo, e, sobretudo, porque algumas forças políticas recusaram a "fôrmla mineira", preparada na cozinha do Catete, está em perigo o próprio regime. Mas, se assim é, se quaisquer divergências o ameaçam, que vem a ser este decantado regime?

Duvidosa não é a resposta, ante os próprios têrmos do jornal. Este regime, que os responsáveis pela direção política do país não querem entender, é simplesmente a vontade, o interesse, o capricho do sr. presidente da República. Opor-se-lhe, é abalar as instituições. A tanto chegou a evolução do presidencialismo brasileiro. Antigamente, os presidentes impunham, ou procuravam impor a sua vontade, mas condenável não se afigurava a resistência que se lhe levantasse. Hoje, tentá-la é destruir a segurança do regime.

Haverá ainda quem deseje conservar tal regime? 11.XII.49